



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS

PAULA BASTOS DE LIMA

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM O CONTO DA AIA:

A influência da cultura patriarcal na percepção da mulher

BRASÍLIA

Dezembro/2017

Paula Bastos de Lima

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER EM O CONTO DA AIA:
A influência da cultura patriarcal na percepção da mulher

Monografia apresentada na disciplina
Monografia em Literatura para a obtenção
do título de Bacharel em Letras – Língua
Inglesa e Respectiva Literatura pela
Universidade de Brasília.

Orientador: PROFA. DRA. CÍNTIA CARLA MOREIRA SCHWANTES

BRASÍLIA, 2017

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, aos meus pais, Eliane e Paulo, por serem meu porto seguro. Todo amor, incentivo, cuidado, e até mesmo as brigas, foi o que me trouxe até aqui. Sem eles, eu não seria quem eu sou hoje, e por isso, eu sou eternamente grata.

Gostaria de agradecer também à minha família e aos meus amigos, pela paciência, incentivo e compreensão nesses últimos meses.

À minha orientadora, Cintia Schwants, por toda a ajuda com relação a esse trabalho e também por todas as conversas em sua sala onde ela, de forma descontraída, me orientou e me deixou compartilhar um pouco da minha vida.

Por fim, gostaria de agradecer a Universidade de Brasília, por cinco dos melhores anos da minha vida. Obrigada por me dar espaço para crescer, por me ensinar mais sobre o mundo do que eu jamais havia aprendido antes, e por ter sido minha segunda casa por todo esse tempo. Saio com o orgulho de ter escrito uma parte da minha história aqui, e com a tristeza de ter que me afastar desse lugar tão incrível.

If the feminine issue is so absurd, is because
the male's arrogance made it "a discussion".

Simone de Beauvoir, *The Second Sex*

Nolite te bastardes carborundorum.

Margaret Atwood, *The Handmaid's Tale*

RESUMO

O presente trabalho analisa a obra *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood, por um viés crítico de estudos de gênero. Primeiramente, defino a obra como sendo de caráter distópico, pertencente ao gênero da ficção científica. Com isso, aponto as formas nas quais podemos encontrar as características definidoras de tais gêneros dentro da obra. Em seguida, relaciono a forma como a mulher é representada na narrativa com a cultura predominantemente patriarcal da sociedade na qual estamos inseridos; expondo que há uma ligação direta entre o estereótipo criado para a mulher na sociedade atual e as categorias criadas na obra. Por fim, estendo essa crítica para o epílogo do livro, e disserto sobre como ele reforça o alerta dado pela narrativa distópica anterior a ele.

Palavras-chave: *Distopia; Margaret Atwood; Estudos de gênero.*

ABSTRACT

The present study analyses the work *The Handmaid's Tale*, by Margaret Atwood, through a critical view of gender studies. First, I define the text as a dystopic novel, belonging to the Science Fiction genre. Hereby, I point the ways in which we are able to find the defining characteristics of such genres inside the work. Then, I relate the way women are portrayed in the narrative with the predominantly patriarchal culture of the society in which we are inserted; exposing the direct connection between the stereotype of women in our current society and the categories created in the plot. Finally, I extend this criticism to the book's epilogue, and dissert about how it reinforces the warning given by the dystopic narrative previous to it.

Keywords: *Dystopia; Margaret Atwood; Gender studies.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1 – O Conto da Aia como uma obra distópica de ficção científica	10
CAPÍTULO 2 – A representação feminina em O Conto da Aia	18
CAPÍTULO 3 – A problematização referente ao epílogo de O Conto da Aia	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
BIBLIOGRAFIA	33

INTRODUÇÃO

Publicado em 1985, *O Conto da Aia* é o romance mais famoso da escritora canadense Margaret Atwood. Traduzido em mais de 35 línguas, e adaptado como série, filme, e ópera, o livro se tornou um símbolo da literatura feminista – mesmo não sendo essa a intenção autora. Tal fato, porém, é extremamente compreensível tendo em vista que, escrita em meio à segunda onda do feminismo, a obra levanta questões pertinentes relacionadas à luta feminista da época (e da atualidade também).

Tendo seu início na década de 1960, a segunda onda feminista reafirmou e ampliou o debate trazido pela primeira onda. Estimulada pela publicação da obra *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir (feita em 1940), a segunda onda se propôs a criticar a visão de feminilidade instaurada pela sociedade patriarcal, e a posição da mulher na mesma.

Aborto, falta de liberdade sexual, e a função social da mulher foram apenas alguns dos muitos temas abordados nessa fase do feminismo que se manifestaram na obra. Dessa forma, *O Conto da Aia* passou a ser visto como uma crítica feminista à sociedade patriarcal e um alerta à mesma, afinal “toda opressão cria um estado de guerra” (BEAUVOIR, 2016, p. 542). Sendo assim, o romance cumpre sua função distópica de imaginar um futuro possível baseado em uma visão crítica da sociedade atual, ao mesmo tempo em que levanta questões de gênero.

Para que se possa seguir essa linha de pesquisa, contudo, é importante entender o que significa estudos de gênero. Judith Butler (2003) afirma que, em oposição ao sexo, que é uma característica biológica, o gênero é uma forma culturalmente construída de definir a identidade do indivíduo. Em outras palavras, gênero é uma construção social. Sendo assim, sexo biológico não define gênero, e vice-versa. Entretanto, de acordo com Joan Scott (1989), as feministas passaram a utilizar a palavra gênero não só como definição de identidade social, mas também para se referir ao sistema de relação entre os sexos e as divisões de papéis entre eles. Por essa interpretação, então, “gênero” se torna uma forma de significar as

relações de poder e implica que “o masculino e o feminino não são características inerentes e sim construções subjetivas” (SCOTT, p. 16).

Estudos de gênero são, portanto, um campo de pesquisa que leva em consideração a relação social entre os sexos e os padrões culturalmente estabelecidos em relação a eles. Scott, então, define duas categorias de abordagens utilizadas pelos historiadores em estudos de gênero:

A primeira é essencialmente descritiva, isto é, ela se refere à existência de fenômenos ou realidades sem interpretar, explicar ou atribuir uma causalidade. O segundo uso é de ordem causal, ele elabora teorias sobre a natureza dos fenômenos e das realidades, buscando entender como e porque aqueles tomam a forma que eles têm. (SCOTT, p. 6)

Sendo assim, meu trabalho se caracteriza como um estudo de gênero no âmbito da relação entre o estereótipo feminino, a cultura patriarcal e as personagens femininas na obra *O Conto da Aia*.

Dito isso, a contextualização do gênero literário da obra se faz importante, visto que afeta diretamente o tipo de narrativa na qual as personagens femininas estão inseridas e, por consequência, a forma como cada uma será representada. Portanto, no primeiro capítulo desse trabalho, será abordada a definição do gênero literário da obra e características definidoras de tal gênero dentro dela.

Consequência de um cenário de desenvolvimento tecnológico desenfreado, a ficção científica expressa a constante mudança nas relações sociais e na mentalidade da sociedade com relação ao processo de modernização. Apesar de o avanço tecnológico ter trazido novas possibilidades para as mulheres, esse processo se deu de forma lenta e gradual (e ainda não está finalizado). Sendo assim, mesmo com todas as mudanças tecnológicas e sociais, a visualização de um futuro socialmente igualitário entre os sexos é praticamente impraticável. Surge, então, a distopia, como uma forma de expressar e evidenciar as falhas do sistema social.

De caráter distópico (como será comprovado adiante), *O Conto da Aia* representa uma sociedade possibilitada pela intensificação de certas mentalidades já existentes na sociedade atual. Apesar de advertir para uma possível construção, a

similaridade entre a sociedade distópica criada e a nossa sociedade atual assusta e nos faz acreditar que “em lugar de nos oferecer um mundo alternativo, Atwood apenas tem a nos oferecer a *mesma nossa história*” (RÜSCHE, 2015, p. 60, grifo da autora).

Relacionando as características distópicas à construção social da identidade, a problematização presente é a perda da subjetividade, visto que a sociedade já possui um molde pré-definido de cada gênero, e a cultura patriarcal torna praticamente impossível a quebra de tais paradigmas. Sobre isso, Hogsette (1997) destaca:

Mulheres se tornam não pessoas – indivíduos que não possuem os direitos e as oportunidades que os possibilitem de se opor abertamente à construção, feita pela sociedade, delas como Martha, Esposa, e Aia – e suas sociedades as despem de qualquer recurso com o qual criar sua própria realidade subjetiva. (HOGSETTE, 1997, p. 263-264, tradução minha)¹

Tendo isso em vista, no segundo capítulo tomarei a teoria da formação da feminilidade, e conseqüentemente da ideia do que deve ser a mulher, de Simone de Beauvoir como aporte teórico para caracterizar a forma como o estereótipo cultural da mulher na sociedade está presente em cada uma das categorias de divisão descritas na obra. Definindo, assim, o que é o patriarcado.

Por fim, no último capítulo, apontarei a importância de uma releitura crítica da obra após a descoberta feita no epílogo. Assim como aponta Hogsette:

Através do epílogo, Atwood sugere que não só as mulheres devem reinscrever suas vozes e afirmar sua própria subjetividade no discurso político e histórico de sua sociedade, mas a audiência dessas mulheres deve aprender como ler essas vozes reinscritas e propriamente interpretar seus significados subjetivos. (HOGSETTE, 1997, p. 265, tradução minha)².

¹ No original: *Women become nonpersons – individuals who lack the rights and opportunities that might enable them to counter openly society's construction of them as Martha, Wife, and Handmaid – and their society strips them of any resources with which to create their own subjective reality.*

² No original: *Trough the epilogue, Atwood suggests that not only must women reinscribe their voices and assert their own subjectivity into the political and historical discourse of their society, but those women's audiences must learn how to read those reinscribed voices and properly interpret their subjective meanings.*

Desta forma, o epílogo faz uma ultima confirmação da influência da cultura patriarcal na forma como vemos a sociedade, especialmente, as mulheres dentro dela.

Capítulo 1 – *O Conto da Aia* como uma obra distópica de ficção científica

Nesse capítulo, classificarei *O Conto da Aia* como uma obra de ficção científica, mais especificamente pertencente ao gênero da distopia; apontando, desta forma, as características correspondentes a tais gêneros dentro da narrativa.

Margaret Atwood sempre se mostrou contra a definição de suas obras como obras de ficção científica. Contrastando-as com outras obras, como as de H.G. Wells, por exemplo, a autora defende que seus enredos não devem ser inseridos nessa categoria visto que não apresentam elementos não reais. No entanto, no texto *Ficção Científica: Narrativa do Mundo Contemporâneo*, Andréa Coutinho (2008) destaca que é importante entender que a ficção científica nem sempre extrapola o espectro do real e, mesmo quando o faz, está de alguma forma relacionada com a sociedade na qual a obra foi escrita.

Durante o texto, é apontado que a ficção científica parte de uma mistura da previsibilidade com a indeterminação da ciência contemporânea. A junção desses dois fatores abre espaço para a imaginação literária, que, baseada nas características presentes, antecipa possibilidades futuras. Consequentemente, a ficção científica pode ser dividida entre duas vertentes: uma associada ao não verdadeiro (onde são ultrapassadas nossas possibilidades científicas e leis da física; na qual encontramos histórias com magia e elementos sobrenaturais, por exemplo), e outra centrada no real (que se refere a um futuro possível e provável). Sendo assim, *O Conto da Aia* de Atwood continua inserido no gênero da ficção científica, porém em uma vertente nomeada pela própria autora de “ficção especulativa”.

O que eu quero dizer por “ficção científica” são aqueles livros que descendem dos Marcianos sugadores de sangue atirados a Terra em cilindros metálicos de H.G. Wells – coisas que não poderiam acontecer – enquanto para mim, “ficção especulativa” significa enredos que descendem dos livros de Jules Vernes sobre submarinos e viagem a balão e coisas do tipo – coisas que realmente poderiam acontecer, mas ainda não tinham acontecido completamente quando os autores escreveram os livros. Eu

colocaria meus próprios livros nessa segunda categoria: sem Marcianos.³
(ATWOOD, M., In *Other Worlds*, p. 6, tradução minha)

Tendo em vista a definição de tal gênero e suas vertentes, é importante também entender o contexto histórico no qual ele está inserido.

O avanço tecnológico trazido pela Revolução Industrial abriu um leque de possibilidades para as sociedades do final do século XVIII e início do século XIX. A possibilidade de ascensão social passou a existir, descobertas científicas e novas tecnologias surgiram. É natural, então, que tenha também surgido certa especulação com relação a como o futuro seria. Assim como tudo que é novo gera fascínio e esperança, também gera medos e dúvidas. E com isso, a literatura foi tida como um meio de externar todos os sentimentos causados por essa nova fase tecnológica. Vemos então a extensa produção de uma literatura voltada às possibilidades e efeitos (sejam bons ou ruins) de tal fase. Derivam, como resultado, os gêneros de utopia e de distopia.

O gênero utópico surge como uma visão de uma sociedade futura perfeita, possibilitada por uma perspectiva positiva das mudanças ocorridas. Em contrapartida, o gênero distópico mostra uma sociedade falha, que vive sob algum tipo de opressão (seja ela governamental, tecnológica, religiosa etc.), derivada das aflições trazidas pelas mudanças sociais e pelos avanços tecnológicos descontrolados. As duas categorias são, então, classificadas como ficção (científica) especulativa.

É dentro da segunda categoria que são encontradas obras, atualmente consideradas como clássicos da literatura, que intrinsicamente apresentam enormes críticas à sociedade da época em que foram escritas e que podem ser transpostas para a sociedade atual. *1984*, de George Orwell, *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, e, claro, *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood são apenas alguns dos muitos exemplos.

³ No original: *What I mean by "science fiction" is those books that descend from H.G. Wells's blood-sucking Martians shot to Earth in metal canisters—things that could not possibly happen—whereas for me, "speculative fiction" means plots that descend from Jules Verne's books about submarines and balloon travel and such—things that really could happen but just hadn't completely happened when the authors wrote the books. I would place my own books in this second category: no Martians.*

Entretanto, por mais especulativo que esse tipo de ficção seja, como mencionado anteriormente, ele está sempre de alguma forma relacionado com a realidade. Em um artigo escrito para o jornal americano *The New York Times*, Atwood declarou que ao escrever *O Conto da Aia*, fez questão de que para tudo houvesse um antecedente real:

Uma das minhas regras foi que eu não botaria nenhum evento no livro que já não tivesse acontecido no que James Joyce chamou de o “pesadelo” da história, nem nenhuma tecnologia ainda não disponível. Sem dispositivos imaginários, sem leis imaginárias, sem atrocidades imaginárias. Deus está nos detalhes, ele dizem. O Diabo também está. (ATWOOD, What ‘The Handmaid’s Tale’ Means in the Age of Trump, 2017, tradução minha)⁴

Nesse ponto, fica claro o aspecto crítico, característica comum nas obras de distopia.

Escrito por Margaret Atwood e publicado em 1985, *O Conto da Aia* (no original *The Handmaid’s Tale*) é um romance distópico que conta, pelos olhos de Offred (uma aia), a história da República de Gilead, Estado totalitário implantado por fundamentalistas religiosos após ataques que levaram às mortes do presidente e dos membros do congresso norte-americano. Numa sociedade onde, em consequência de doenças, desastres ecológicos e acidentes radioativos, várias mulheres ficaram estéreis, a principal preocupação do novo governo é a reversão de sua baixa taxa de natalidade. Com essa finalidade, as mulheres são divididas em diferentes categorias sociais, sendo elas, de forma hierárquica, as Tias, as Esposas, as Marthas, as Econoesposas, as Aias e as Não-Mulheres.

Cada categoria possui uma função específica, sendo a da Aia estritamente ligada com a reprodução. O nome destinado a tais mulheres faz referência direta ao episódio bíblico no qual, incapaz de gerar herdeiros para Jacó, Raquel entrega sua aia para que ele a fecunde (passagem a qual inclusive é disposta no início do livro). Sendo assim, as Aias são designadas a um dos Comandantes, detentores de poder em Gilead, e têm como obrigação gerar crianças saudáveis para a sociedade por

⁴ No original: *One of my rules was that I would not put any events into the book that had not already happened in what James Joyce called the “nightmare” of history, nor any technology not already available. No imaginary gizmos, no imaginary laws, no imaginary atrocities. God is in the details, they say. So is the Devil.* Encontrado em: <https://www.nytimes.com/2017/03/10/books/review/margaret-atwood-handmaids-tale-age-of-trump.html>. Acessado em: 03 de novembro de 2017.

meio de uma cerimonia realizada no seu dia fértil, onde a aia se deita ao colo da Esposa e segura suas mãos enquanto é fecundada pelo marido.

Características distópicas como totalitarismo, opressão, luta pela sobrevivência, perda da individualidade, entre outras, podem ser observadas dentro da obra, principalmente em relação às mulheres e, mais a fundo, especificamente nas Aias, visto que elas perdem até o direito ao próprio nome, sendo chamadas pela união do pronome possessivo do inglês “of” (que em tradução direta significa “de”) ao nome do Comandante ao qual são designadas (sendo assim, o nome Offred significa “de Fred”).

A semelhança entre vários aspectos da obra e a vida real é um dos fatores que justifica a grande popularidade dessa história e tem sido causa de grandes discussões desde sua publicação. Recentemente adaptada para uma série de televisão do canal de streaming Hulu, a obra tem tido grande visualização e recebido vasta quantidade de críticas positivas, principalmente em meio à onda feminista que vem tomando força nos últimos anos.

O *Conto da Aia* é, portanto, uma história de caráter especulativo e distópico a qual ao mesmo tempo em que nos apresenta uma possibilidade de sociedade futura, nos faz contemplar a sociedade presente e refletir sobre atos passados.

Dentro desse caminho de análise, importa ressaltar que o gênero da ficção científica distópica apresenta algumas características definidoras. Dentre elas, podemos considerar como mais importante a presença de um poder totalitário, visto que tal característica acaba por determinar as seguintes. Desigualdade social, injustiça, acesso restrito a informação, perda da individualidade, privações, propaganda usada como forma de controle, perda da liberdade física e intelectual, vigilância constante, e um cenário hostil são características distópicas consequentes de dito poder.

Além disso, essa presença totalitária enferma todas as relações interpessoais que se estabelecem entre os personagens, visto que o medo constante impossibilita que se crie uma relação de confiança e, portanto, se torna impossível também que sejam estabelecidos afetos reais. Essa característica é ainda mais acentuada quando o narrador é homodiegético, caso do livro *O Conto da Aia*.

A categorização d'O *Conto da Aia* como uma obra de caráter distópico é, portanto, justificada pela presença de todos os elementos definidores citados. O poder totalitário, principal característica distópica, é encontrado no governo da República de Gilead, implantado por fundamentalistas religiosos e regido pelos Comandantes. Suas consequências são amplamente exploradas durante a obra. De forma mais abrangente, a desigualdade social é clara diante da divisão social estabelecida pelo Estado, onde homens e mulheres são divididos em castas com funções e privilégios específicos e desta forma poucos detêm o poder. E a injustiça vem conectada a ela, primeiramente pela forma como a divisão é feita (visto que é uma decisão tomada pelas pessoas no poder de acordo com suas vontades e crenças), e depois pela forma como cada categoria é tratada.

Sendo assim, temos um quadro aparentemente alarmante, no qual as liberdades individuais foram cerceadas, mas não de maneira completa, pois, mesmo num Estado de total controle, existem grupos na sociedade de Gilead que desfrutam de certos privilégios. Contudo, é possível, ainda assim, mapear uma orientação hierarquizada, primeiro pela classe social – camadas altas – e, em seguida, pelo gênero – homens – da forma como esses privilégios eram distribuídos. (PONE, 2014, p. 227)

A categoria social passa a ser então o agente determinante da relação do personagem com as subsequentes características distópicas.

Habitualmente, as pessoas de cargos mais altos possuem mais privilégios e sofrem poucas repressões. O maior exemplo disso está na categoria dos Comandantes. Apesar de terem certas proibições (como manter relações afetivas com as Aias, por exemplo), eles ainda mantêm direitos básicos que, no contexto dado, são vistos como privilégios. Liberdade de locomoção e permissão para leitura são apenas dois dos exemplos de direitos que poderiam ser vistos como simples para uma sociedade pré-Gileadeana, mas foram restringidos à esse cargo. Confiança e tranquilidade também são características restritas a esse grupo, e impressionam em situações nas quais os Comandantes quebram regras de forma natural, sem expressar preocupações.

A criação da Casa de Jezebel, prostíbulo criado e frequentado ilegalmente pelos Comandantes, é o maior exemplo disso. “Em totalitarismos – ou mesmo em qualquer sociedade fortemente hierarquizada – a classe dominadora monopoliza as

coisas valiosas [...]” (ATWOOD, 2017)⁵, desta forma, os Comandantes monopolizaram as mulheres, o conhecimento e a liberdade.

Em contrapartida, à medida que as categorias sociais vão atingindo níveis mais baixos, seus personagens sofrem gradativamente com as características distópicas mencionadas. O cenário hostil, o medo e a vigilância constante são fatores que afetam a todas as categorias mais baixas, independente do sexo. A propaganda também é fator comum e pode ser percebida, por exemplo, nos discursos das Tias, que repreendem os costumes passados e exaltam o novo regime, e também nas cerimônias de Salvamento e “Rezavagâncias”.

Entretanto, ainda que alguns aspectos abranjam categorias distintas, o gênero é fator decisivo na relação de importância social. Desta forma, mesmo as Esposas (mulheres de classes mais altas), sofrem mais que a maioria dos homens. Sendo assim, como pertencentes de uma das classes mais baixas, as Aias acabam por ser exemplos vivos de vários dos fatores determinantes da distopia. Desde a já mencionada perda da individualidade, até a perda de direitos básicos como a de escolha da própria roupa, as Aias, apesar de não terem a pior qualidade de vida, são as que mais sofrem repressões na República de Gilead.

Tendo em vista todas as características de cunho negativo das histórias distópicas e suas colocações dentro d’*O Conto da Aia*, se faz importante relembrar que a obra, apesar de ser uma obra de ficção, é inspirada por situações reais. Mesmo sabendo que “uma distopia tem por base uma forma de experimentalismo que isola certas tendências sociais e as exagera para dar visibilidade às suas qualidades mais negativas” (CAMPELLO, 2003, p. 207), as situações descritas na obra não ultrapassaram o espectro da realidade.

Atwood, como mencionado anteriormente, já declarou abertamente que nem mesmo as atrocidades acontecidas na narrativa são imaginárias. De acordo com a autora, a desconfiança e o medo de estarem sendo vigiados foram características tiradas de sua experiência nos países atrás da Cortina de Ferro no império Soviético; a concepção forçada remete a regras de concepção estabelecidas por

⁵ Tradução minha. No original: *Under totalitarianisms — or indeed in any sharply hierarchical society — the ruling class monopolizes valuable things [...]* Encontrado em: <https://www.nytimes.com/2017/03/10/books/review/margaret-atwood-handmaids-tale-age-of-trump.html> Acessado em: 03 de novembro de 2017.

ditadores como Hitler e Ceausescu; Mayday (grupo secreto de resistência na obra) é inspirado em movimentos de resistência da Segunda Guerra Mundial; muitas outras referências, como, por exemplo, o código de roupas (que, entre várias fontes, se refere também à estrela de Davi amarela usada pelos judeus no nazismo) são feitas entre ficção e realidade.

Outro ponto de reflexão é de que, além de eventos passados, alguns aspectos do livro podem ser facilmente relacionados com acontecimentos presentes. No Brasil, o aumento da força da bancada Evangélica dentro de um Congresso que se declara laico, instituindo recentemente uma lei que proíbe o aborto até mesmo em casos de estupro, está em conexão direta com os acontecimentos e ideologias do governo totalitário instaurado na obra. Deputados se declarando abertamente a favor de métodos de tortura; presidentes declaradamente misóginos, homofóbicos e xenófobos sendo eleitos; países onde mulheres não têm o direito de falar caso estejam na presença de um homem; taxas de estupro altíssimas e mulheres sendo culpadas por eles; todos esses são acontecimentos presentes que podemos facilmente associar à obra.

Posto isso, fica claro que “a narrativa distópica não se configura, deste modo, apenas como visão futurista ou ficção, mas também como uma previsão a qual é preciso combater no presente.” (CARDOSO HILÁRIO, 2013, p. 206). Somos então direcionados a refletir sobre o alerta dado pela obra e de qual forma estamos contribuindo para que a reconstituição feita por Offred se torne uma possível reconstituição da nossa própria história. Nas palavras de Pedro Felipe Campello:

O jogo temporal que Atwood aciona, no romance, elemento de crítica, enfatiza a nossa própria falta de compreensão do tempo presente. Apesar de se tratar de um mundo distópico imaginário, num tempo suspenso, a narrativa encaixada não se passa no futuro, mas ocorre simultaneamente à sua escritura: década de 80 do século XX. (CAMPELLO, 2003, p. 204)

A própria personagem e narradora Offred fala sobre a passividade de todos enquanto tudo acontecia. Inicialmente, não houve manifestações; muitos acreditaram que tudo o que estava acontecendo era realmente o melhor a acontecer. Nada foi feito. Com isso, a autora (por meio da narradora) chama a atenção do leitor para o perigo de não enxergar o que está acontecendo ao redor. “Nada muda

instantaneamente: numa banheira que se aquece gradualmente você seria fervida até a morte antes de se dar conta” (ATWOOD, 2017, p. 71).

Capítulo 2 – A representação feminina em *O Conto da Aia*

No presente capítulo, abordarei a forma como a mulher é representada em *O Conto da Aia*, levando em consideração a cultura patriarcal na qual estamos inseridas.

Apesar de ter sido escrito em 1985, em meio à segunda onda feminista, *O Conto da Aia* traz aspectos que, trinta e dois anos depois, ainda se fazem relevantes principalmente no espectro do feminino. A história narrada por Offred traz intrínseca a si uma série de críticas e reflexões sobre as funções e estereótipos da mulher dentro da sociedade. Ainda assim, de acordo com Ana Rüsche (2015), mesmo enfrentando um tema polêmico para a época, a autora acaba por utilizar uma forma conservadora em sua constituição.

Em seu artigo *Utopia, feminismo e resignação em The Left Hand of Darkness e The Handmaid's Tale*, Rüsche defende que a obra se mantém presa aos formatos conservadores e tradicionais da literatura destinada a mulheres. Sendo assim, “a tradição romanesca destinada ao público feminino parece ditar os rumos das escolhas formais das autoras em momentos centrais nos romances” (RÜSCHE, 2015, p. 19). Desta forma, fica clara a influência do patriarcado tanto como inspiração para a história, quanto como certo molde para sua forma.

Tendo isso em vista, é importante então que fique claro o conceito de patriarcado dentro desse contexto. De acordo com Millet, citado por Marcele Araujo (2015):

Patriarcado pode ser entendido como uma instituição social que se caracteriza pela dominação masculina nas sociedades contemporâneas em várias instituições sejam elas políticas, econômicas, sociais ou familiar. É uma forma de valorização do poder dos homens sobre as mulheres que repousa mais nas diferenças culturais presentes nas ideias e práticas que lhe conferem valor e significado que nas diferenças biológicas entre homens e mulheres (MILLET, 1969, p. 58).

Desta forma, a estrutura do patriarcado pode ser facilmente identificada em *O Conto da Aia*.

A divisão social estabelecida em Gilead, sistematicamente favorecendo o homem em detrimento da mulher, não só é consequência do patriarcado, como didaticamente o exemplifica. As funções de cada uma das categorias destinadas às mulheres mostram o estereótipo direcionado ao gênero. Na obra, as mulheres são reduzidas a atividades domésticas, colocadas em posições de subalternidade, e privadas de qualquer tipo de independência. Desta forma, temos em cada categoria uma das funções socialmente atribuídas às mulheres, uma das obrigações sociais esperadas delas.

A categoria das Marthas representa o ideal social de que a mulher deve ser responsável pelas tarefas domésticas. Por muito tempo, as mulheres foram proibidas de trabalhar e por isso ficavam responsáveis pelo cuidado de suas casas e suas famílias. A necessidade de mão de obra durante as guerras fez com que essa situação mudasse, e a industrialização da produção acabou por perpetuar essa mudança. Ainda assim, no Brasil, até 1962, as mulheres casadas só poderiam trabalhar fora de casa com a permissão do marido. Apesar de atualmente a participação feminina corresponder apenas a mais ou menos 43% no mercado de trabalho brasileiro, a pesquisa *Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça*, divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), afirmou que as mulheres trabalham em média 7,5 horas a mais do que os homens por semana devido às tarefas domésticas realizadas.

Já a categoria das Esposas perpetua a antiga premissa da psicanálise de que a mulher tem sua função atribuída em relação ao homem. Sendo assim, a mulher tem como função ser filha, esposa e mãe. Desta forma, somos carregados pelo estigma cultural de que uma esposa deve servir ao seu homem, sendo uma mulher submissa, ficando em casa e se relacionando apenas com mulheres da mesma categoria social. Em outras palavras, podemos definir as Esposas com a recentemente polêmica expressão "bela, recatada e do lar". Dentro da obra, Serena Joy segue como o principal exemplo da categoria, uma mulher que, na maior parte das vezes em que é mencionada, está tricotando para os soldados ou cuidando do seu jardim.

Por fim, a maior obrigatoriedade social cai sobre a figura da Aia: a obrigação de ser mãe. Mais uma vez diretamente relacionada com o conceito da psicanálise,

em *O Conto da Aia*, a mulher só tem valor real caso possa ser mãe. As que não podem ter filhos perdem até seu direito de se assumir como mulher e são caracterizadas literalmente como Não-Mulheres. Ainda assim, tanto na obra quanto na vida real, é esperado que a mulher se torne mãe mas sem que explore o âmbito sexual. O coito não deve ser ato de prazer pra mulher, mas ato de procriação.

Em sua narração, Offred, na sua função de Aia, confirma o sentimento da perda de sua subjetividade e individualidade para que seja apenas um receptáculo humano. “Somos úteros de duas pernas, apenas isso [...]” (ATWOOD, 2017, p 165). Sobre isso, Campello afirma que:

Ao longo da narrativa, o campo semântico do desmembramento da mulher é ampliado à medida que outras referências são associadas a esse útero de duas pernas, como “All flesh”, o nome do açougue, o banimento da pornografia (um assunto sempre associado à mulher e sua culpa) e “Pen is Envy” (p. 107), trocadilho que Offred faz com clara intenção de satirizar a inveja do pênis” (Freud) e a proibição da escrita para as mulheres. (CAMPELLO, 2003, p. 201)

Sendo assim, as Aias são não só descaracterizadas como mulheres, mas também como seres humanos; passando a ser então objeto de posse de um homem, seu Comandante. A desumanização da mulher também pode ser percebida pelo constante uso de animais em comparações, como, por exemplo, quando Offred diz que ela parece um porco premiado ou quando faz referência ao capítulo sobre ratos enjaulados em um livro que leu.

Temos então formado o conceito de mulher imposto pelo patriarcado. Na cultura extremamente sexista na qual estamos inseridos, para ser mulher é necessário que se cumpram alguns requisitos. Em sua obra *O Segundo Sexo*, Simone de Beauvoir afirma que ninguém nasce mulher, mas torna-se uma. Em suas palavras:

Todo mundo concorda que há fêmeas na espécie humana; constituem hoje, como outrora, mais ou menos a metade da humanidade; e, contudo dizem-nos que a feminilidade “corre perigo”; e exortam-nos: “Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres.” Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher; cumpre-lhe participar dessa realidade misteriosa e ameaçada que é a feminilidade. (BEAUVOIR, 2016, p.10)

Desta forma, Atwood traz em cada uma de suas mulheres, alguma das condições necessárias para que se faça mulher; visto que para a nossa sociedade, a mulher ideal é aquela que seja ao mesmo tempo Martha, Esposa e Aia.

Entretanto, é importante ressaltar que, dentro da obra, essa estrutura patriarcal não é assegurada apenas pela presença masculina, mas também perpetuada pelas personagens femininas. A divisão das mulheres em categorias não gerou um sentimento de revolta mútuo, nem resultou em sororidade. Pelo contrário, ele aumentou o sentimento de rivalidade, reforçando o estereótipo de que existe apenas inveja e falsidade entre mulheres. Tal aspecto é intensificado pela falta de uma figura específica de poder a ser temida. De acordo com Alexander Silva (2010, p. 32), “é a incapacidade de determinar a fonte de medo o aspecto mais opressor dessa distopia”, sendo assim, um sentimento de desconfiança se faz sempre presente. As mulheres não temem apenas os Comandantes, soldados e Olhos; temem também umas às outras.

O medo, na maioria das vezes, gera raiva. E é dessa forma que as personagens acabam fortalecendo o propósito Gileadeano. Um exemplo disso pode ser visto na relação Aia-Esposa, mais especificamente, na relação entre Offred e Serena Joy. Ao mesmo tempo em que as aias são perpetuadas como extensões do corpo das esposas (sendo inclusive deitadas entre suas pernas no ato do coito como forma de firmar tal representação) são, muitas vezes, detestadas por elas. Isso pode ser visto claramente na primeira cerimônia narrada, onde Offred, deitada no colo de Serena, segura suas mãos num gesto que deveria ser de cumplicidade, mas Serena, em sua raiva, as aperta de forma a machucá-la.

Tal rivalidade é provavelmente causada por um sentimento de ciúme e impotência, por parte da Esposa, e de certa inveja, por parte da Aia; visto que a Esposa precisa dividir seu marido com outra mulher, para que ela cumpra um dever que teoricamente deveria ser seu, e a Aia não tem a liberdade, mesmo que reduzida, possuída pela Esposa. Entretanto, esse é um aspecto que pode ser facilmente entendido pelo ponto de vista feminino. No contexto sexista em que vivemos, somos ensinadas desde pequenas a competir entre nós, enxergar umas as outras como concorrentes. Precisamos ser mais bonitas, mais inteligentes. Somos

assim treinadas a nos manter afastadas, não criar alianças. É necessário que nos separem, afinal, o poder do patriarcado depende disso.

Ainda assim, as Aias são postas para ir a suas caminhadas sempre em pares. Apesar de parecer contraditório, com o medo já enraizado na sociedade, essa prática serve como forma de evitar que as Aias façam algo contra os valores do Estado. “A verdade é que ela é minha espiã, e eu sou a dela” (ATWOOD, 2017, p 29), declara Offred, que, por sua vez, “várias vezes [...] se mostra ora crítica dos preceitos religiosos de Gilead, ora seguidora inconsciente dos mesmos.” (SILVA, 2010, p. 21).

Ao mesmo tempo em que Offred apresenta comportamentos que subvertem a aceitação dos princípios de Gilead, como guardar e esconder manteiga dentro de seus sapatos, ou até mesmo manter suas lembranças da vida passada intactas, ela acaba por reproduzi-los várias vezes. Desde o começo do livro, fica clara a vontade de sobrevivência da personagem principal, e para isso, é necessário que ela seja passiva em relação ao regime. Isso se torna ainda mais explícito na cena em que percebe que Ofglen foi descoberta, e se entrega de vez ao poder de Gilead:

Meu Deus, penso, farei qualquer coisa que quiseres. Agora que me deixaste escapar impune, eu me anularei, se é o que realmente queres; esvaziarei a mim mesma, verdadeiramente, tornar-me-ei um cálice. [...] pararei de reclamar, aceitarei meu destino. Eu me sacrificarei. Eu me arrependerei. Abdicarei. Renunciarei. [...] Quero continuar vivendo de qualquer forma que seja. Renuncio a meu corpo voluntariamente para submetê-lo ao uso de outros. Eles podem fazer o que quiserem comigo. Sou abjeta. Sinto, pela primeira vez, o verdadeiro poder deles. (ATWOOD, 2017, p. 337 e 338)

A força do poder totalitário é então destacada, mas, mesmo antes se mostra já consolidada dentro da sociedade e da forma de pensar do coletivo.

Ainda no centro de treinamento, em uma das cenas mais fortes do livro, Offred conta sobre o testemunho de Janine, que foi estuprada coletivamente por uma gangue aos 14 anos e consequentemente precisou fazer um aborto. Após o testemunho, as outras Aias, incitadas pelas Tias, gritam palavras de reprovação e culpam Janine pelo ocorrido. Offred declara que por um momento, apesar de saberem o que estava sendo feito com ela, elas a desprezavam (ATWOOD, 2017, p 88). Tal comportamento é atualmente nomeado pela expressão americana “slut-shaming”, que é por definição, o ato de humilhar mulheres por apresentarem

comportamento sexual diferente do conservador tradicional. Muito comum principalmente nas redes sociais, essa prática tem sido a principal ferramenta para incitar a culpabilidade de uma mulher no estupro, e julgar e reduzir as mulheres à forma como se vestem. Dentro da obra, a problematização com relação às roupas das mulheres pode ser observada durante a história, desde a forma como as Aias são obrigadas a se vestir, até o julgamento involuntário de Offred às roupas das turistas japonesas. Além disso, a ideia de que a mulher se veste para o homem e de que suas roupas são formas de mandar mensagens também está explícita na cena onde o Comandante Fred explica para Offred a necessidade da Casa de Jezebel:

A Natureza exige variedade para homens. [...] As mulheres sabem disso instintivamente. Por que elas compravam tantas roupas diferentes, nos velhos tempos? Para enganar os homens levando-os a pensar que eram várias mulheres diferentes. Uma nova a cada dia. (ATWOOD, 2017, p 281)

A cena da Casa de Jezebel, inclusive, termina com o estupro de Offred. Entretanto, o leitor muitas vezes não percebe o ato como tal, pois é influenciado pelas boas ações que o Comandante estava fazendo para Offred em momentos anteriores. Situação também muito comum na vida real.

Nesse sentido, as principais perpetuadoras do regime são as Tias. Realmente fiéis do sistema, as Tias são a representação do conservadorismo religioso do mundo atual e os maiores exemplos de como o sexismo está de fato internalizado na sociedade, principalmente nas áreas de maior privilégio social. São elas que possuem a função de doutrinar as Aias, logo, são elas que possuem maior influência direta na ideologia de Gilead. Apenas mais uma prova de que o sistema não sobreviveria sem mulheres como elas.

Entretanto, nem só de submissão *O Conto da Aia* é feito. Três personagens se destacam por sua subversão ao sistema. A mãe de Offred; Ofglen, sua parceira de caminhadas; e Moira, sua melhor amiga. A mãe de Offred é descrita por todo o livro como uma ativista feminista, que durante toda a vida lutou pelos seus ideais e por fim, acabou sendo enviada à Colônia. Já Ofglen fazia parte do movimento de resistência Mayday, mas, já ao final do livro, se mata ao ser descoberta. Por fim, Moira, que entre as três é a que possui mais destaque na narrativa, é representada por grande parte da história como um foco de esperança e heroísmo para a

narradora, mas ao final, para o desapontamento dela, Moira acaba como uma prostituta na Casa de Jezebel.

Aqui está o que eu gostaria de contar. Gostaria de contar uma história sobre como Moira escapou, para sempre dessa vez. Ou se não pudesse contar isso, gostaria de dizer que ela explodiu a Casa de Jezebel, com cinquenta Comandantes dentro. Gostaria que ela acabasse com alguma coisa ousada e espetacular, um ultraje, algo que fosse adequado para ela. Mas até onde sei, isso não aconteceu, porque nunca mais voltei a vê-la. (ATWOOD, 2017, p 297)

Desta forma, as três personagens terminam, similarmente, com finais consideravelmente ruins. Seria isso então uma forma velada da narrativa de condenar a subversividade? Transmitida pela Offred anterior, a frase “*Nolite te bastardes carborundorum*”, que significa “Não deixe que os bastardos esmaguem você.” (ATWOOD, 2017, p 224), é tomada pela Offred atual como uma oração. Contudo, ao final, Offred se dá como derrotada e se dobra ao sistema (como mencionado anteriormente), porém, logo depois é resgatada.

Outro aspecto interessante relacionado a essa contradição entre submissão e subversão, notada principalmente em Offred, é o fato de que ela se põe em estado de cautela durante a maior parte da obra, reforçando sua vontade de sobreviver, mas arrisca tudo para manter um relacionamento com Nick. O fato da narradora-personagem se colocar em risco para poder estar com um homem, e este homem por fim se tornar o herói da história, a salvando junto ao grupo Mayday, apenas reafirma a tese de Rüsche de que a autora se manteve de certa forma presa ao escopo tradicional e patriarcal de um romance, indo contra a fama feminista atribuída ao livro.

Entretanto, o objetivo desse estudo não é caracterizar a obra como de cunho feminista ou não, mas sim identificar em seus aspectos como a forma que a mulher é vista na sociedade pode influenciar e ser identificada na construção das personagens e da narrativa. Portanto, fica claro que *O Conto da Aia*, além de cumprir seu papel de alerta dentro do gênero distópico, também reflete a visão retrógrada sobre a mulher na sociedade, trazendo à luz o fato de que, ainda hoje, prevalece a visão patriarcal dos estereótipos e a posição de subalternidade da mulher.

Capítulo 3 – A problematização referente ao epílogo de *O Conto da Aia*

Nesse último capítulo, comentarei sobre a forma como o epílogo de *O Conto da Aia* muda a visão do leitor sobre a narrativa e evidencia o caráter sexista da nossa sociedade.

Apesar de ocupar maior parte da obra, a narrativa de Offred não é a única constituinte de *O Conto da Aia*. Divida em duas partes, a obra traz ao fim um epílogo no qual descobrimos que a narrativa é, na verdade, a recomposição de várias fitas gravadas por Offred após seu resgate.

Situada no ano de 2195 e nomeada *Notas Históricas Sobre O Conto da Aia*, a segunda parte se passa em um simpósio sobre estudos Gileadeanos, na Universidade de Denay, Nunavit, onde somos apresentados ao Professor Pieixoto, um dos responsáveis pela reconstituição das gravações. Repleto de ironias, esse epílogo é responsável por fazer o leitor repensar sua própria leitura da obra e “[...] reconsiderar as implicações de suas interpretações” (HOGSETTE, 1997, p. 277, tradução minha)⁶.

Logo ao início do capítulo nos deparamos com duas ironias. A primeira consiste no nome da universidade e local onde ela é situada. O nome Universidade de Denay, Nunavit, pode ser foneticamente relacionado, assim como percebeu Karen Stein (1996), à frase em inglês “deny none of it” que em tradução direta seria “não negue nada disso”. Tal expressão pode servir tanto como um aviso para o leitor, quanto como um alerta ao discurso de Pieixoto. A segunda ironia é vista em relação a presidente do simpósio. Por se chamar Maryann Crescent Moon, somos direcionados a acreditar que se trata de uma mulher de origem indígena; entretanto, a professora faz parte do Departamento de Antropologia Caucasiana. Essa ironia pode ser uma forma de prenunciar o fato de que o responsável por *O Conto da Aia*, que narra a história de uma mulher, é, na verdade, um homem.

Somos apresentados, então, ao professor Pieixoto – apesar de Crescent Moon afirmar que “o professor Pieixoto dispensa quaisquer apresentações” (ATWOOD, 2017, p. 352) – e à sua palestra, intitulada “Problemas de Autenticação

⁶ No original: [...] to reconsider the implications of their interpretations.

com Relação a O Conto da Aia”. Já pelo nome da palestra, fica claro o viés científico dado à obra por Pieixoto. Logo ao início de sua fala, Pieixoto mostra seu caráter extremamente sexista ao objetificar completamente a presidente do simpósio:

Obrigado. Tenho certeza que todos nós tivemos grande prazer em apreciar nossa encantadora truta do Ártico ontem à noite no jantar, e agora estamos tendo grande prazer em apreciar nossa igualmente encantadora presidente do Ártico. Emprego aqui a palavra “apreciar” em dois sentidos distintos, excluindo, é claro, o terceiro, obsoleto. (Risos.) (ATWOOD, 2017, p. 353)

A partir de então fica claro – não só pela “piada” feita pelo professor, mas também pelo fato de a plateia ter rido – que o caráter sexista e patriarcal das sociedades de antes e durante Gilead permanece na sociedade pós-Gileadeana. Sendo assim, nas palavras de Rüsche (2015, p. 20): “a representação, aqui, aponta para uma limitação: não se consegue vislumbrar outra ordem social possível além do capitalismo e do patriarcado”.

Tendo isso em vista, Dominick Grace (1998) discute sobre o modelo da narrativa e afirma que durante o relato feito por Offred, temos um modelo aparentemente linear; “entretanto, em “Notas Históricas” nós avançamos 200 anos e descobrimos uma sociedade muito parecida com a nossa sociedade pré-Gileadeana, o que sugere um modelo cíclico ao invés de linear da história” (GRACE, 1998, p. 484, tradução minha)⁷. O caráter cíclico da história, e, mais especificamente, o fato de a sociedade voltar à forma que possibilitou a instituição de Gilead, serve como uma forma de reforçar o alerta que perpassa toda a obra.

Seguindo em frente com o discurso de Pieixoto, nos deparamos com a informação sobre como *O Conto da Aia* foi de fato escrito e nomeado. Afirmando que o título foi escolhido pelo outro editor da obra, Knotly Wade, Pieixoto brinca com a origem do mesmo, assumindo que o trocadilho entre as palavras “tale” (parte do título original da obra) e “tail” (no português, rabo) foi intencional, e implicando que o último foi motivo de discórdia em Gilead. Mais uma vez, somos expostos aos sexismos absurdos de Pieixoto e da plateia, que, novamente, ri e aplaude. Várias

⁷ No original: *However, in the "Historical Notes" we leap forward 200 years and discover a society much like our own pre-Gileadean society, which suggests a cyclical rather than a linear model of history.*

outras “brincadeiras” desse estilo são feitas, todas recebidas de forma positiva pela plateia presente.

Desde o início de seu discurso, Pieixoto deixa claro o caráter científico com o qual abordou a obra. Grande parte de sua fala é voltada para a questão de autenticidade das fitas encontradas e da história narrada. Ele se preocupa muito mais em tentar descobrir quem são os personagens, para que possa ter algum tipo de confirmação sobre a história, do que com a história em si; demonstrando, inclusive, certo grau de frustração e ressentimento pela narradora, por não ter deixado informações mais específicas.

[...] muitas lacunas permaneceram. Algumas delas poderiam ter sido preenchidas por nossa autora anônima, tivesse ela tido outra maneira de pensar. Poderia ter nos contado muito sobre o funcionamento do império de Gilead, se tivesse tido os instintos de uma repórter ou de uma espiã. (ATWOOD, 2017, p. 364)

Contudo, essa fala representa uma contradição no pensamento de Pieixoto, visto que, mesmo desejando mais informações por parte de Offred, Pieixoto tende a desacreditar as informações dadas pela mesma.

Assim como constata Grace (1998), tal tópico é levantado por Offred durante sua narração, quando ela comenta sobre a falha dos textos em capturar e transmitir as experiências das mulheres:

[...] mas essas matérias eram a respeito de outras mulheres, e os homens que faziam aquele tipo de coisas eram outros homens. Nenhum deles eram os homens que conhecíamos. As matérias de jornais eram como sonhos para nós, sonhos ruins sonhados por outros. Que horror, dizíamos, e eram, mas eram horrores sem ser críveis. Eram demasiado melodramáticas, tinham uma dimensão que não era a dimensão de nossas vidas. (ATWOOD, 2017, p. 71)

O mesmo ocorre na vida real, onde muitas vezes nos mantemos apáticos às notícias que vemos. São outras pessoas, então não nos afeta. Os jornais são nossas distopias. Sendo assim, a fala de Pieixoto, e a forma como ele coloca em xeque a veracidade da fala de Offred, nos faz automaticamente repensar a nossa visão sobre a narrativa e a forma com que nós percebemos essa história.

Além disso, ao mesmo tempo em Pieixoto tenta nos levar a questionar a história de Offred, somos instigados a refletir sobre até que ponto existe veracidade também nele. Tendo em vista que a história narrada na primeira parte do livro é, na verdade, uma reconstituição feita por Pieixoto e Wade, não podemos saber com certeza se a história foi ou não alterada por eles.

Levando em consideração as personalidades sexistas dos dois professores, já apontadas anteriormente, e sabendo que Pieixoto pede para sua plateia não julgar os costumes Gileadeanos, como pode ser visto no trecho a seguir:

Aqui, peço licença para fazer um aparte editorial, permitam-me dizer que, em minha opinião devemos ser cautelosos ao fazer um julgamento moral sobre a sociedade gileadeana. Sem dúvida já aprendemos a esta altura que tais julgamentos são por necessidade específicos de cultura. Além disso, a sociedade gileadeana estava submetida a grandes pressões de caráter demográfico e outros, e estava sujeita a fatores dos quais nós felizmente estamos mais livres. Nosso trabalho não é censurar e sim compreender. (Aplausos). (ATWOOD, 2017, p. 355),

pode ser levantada a dúvida sobre a imparcialidade dos autores ao redigir a história. Compreendendo a forma como a narrativa foi construída e, por esse motivo, sabendo ser passível de manipulação (SILVA, 2010), somos induzidos a questionar se houve, ou não, algum tipo de interferência por parte dos professores. Tal dúvida também é reforçada pelo fato que de a própria Offred faz alusão ao assunto durante a sua narrativa, quando comenta sobre a forma como o discurso bíblico foi alterado para as Beatitudes: “Eu sabia que este último eles tinham inventado, sabia que estava errado, e que tinham excluído partes também, mas não havia nenhuma maneira de verificar.” (ATWOOD, 2017, p.109). Sendo assim, da mesma forma como o Estado havia se apropriado dos escritos da Bíblia, Pieixoto e Wade se apropriaram do discurso de Offred.

Em um contexto onde a linguagem é fator de enorme destaque, é imprescindível que se entenda as implicações de tais apropriações. Durante toda a obra somos apresentados a um cenário no qual as mulheres perderam o direito à linguagem. Sendo proibidas de ler, escrever, e até mesmo falar abertamente umas com as outras, o uso do discurso se torna uma forma de controle sobre elas. Sendo assim, o fato de Offred ter gravado relatos, sob sua voz de (pelo menos até então) sobrevivente, é de caráter extremamente subversivo. Porém, isso é de certa forma

quebrado (ou ao menos reduzido) ao descobrirmos que, ainda assim, quem está de fato dando voz a Offred são dois homens. “A ironia toma-se, [então], mais eficiente em termos de literariedade, porque é a voz masculina, a voz da ciência, a voz da academia, que encerra a narrativa” (CAMPELLO, 2003, p. 203).

Ao decorrer da história fica claro que Offred tem total conhecimento do poder da linguagem. A necessidade de considerar cuidadosamente a forma como responder a Serena Joy ou falar com Ofglen, e de como se comportar perto de Nick (incluindo, nesse caso, até mesmo a linguagem corporal); a importância dada à mensagem deixada pela Offred anterior e até mesmo à almofada onde está escrito “fé”; o pedido feito ao Comandante para que tivesse acesso à leitura; e o fato de fazer constante menção à história que está contando, mostram a sua ligação com a linguagem e a consciência de sua importância. É por meio da linguagem que Offred tenta reconstruir sua própria subjetividade.

Sento-me na cadeira e penso na palavra *cadeira*. Também pode significar o lugar ocupado pelo líder que preside uma reunião: ocupa a cadeira da presidência. Também pode significar um instrumento para execução de condenados. É a primeira sílaba de caridade. Em inglês cadeira é chair, que é a palavra francesa que significa carne. Nenhum desses fatos tem qualquer ligação com os outros. Esses são os tipos de litânias que uso, para me compor. (ATWOOD, 2017, p. 134)

Como aponta Hogsette (1998), eventualmente Offred percebe que a linguagem é uma forma de humanização, que ela valida a existência de alguém. Isso pode ser visto no momento que, vendo as frases talhadas nas mesas do Centro, afirma: “esse entalhe [...] tem o páthos de todas as civilizações desaparecidas. É como a impressão de uma mão na pedra. Quem quer que tenha feito aquilo algum dia esteve vivo.” (ATWOOD, 2017, p. 138). É nesse contexto que entra a já mencionada expressão “Pen is Envy”, a inveja sentida pela possibilidade de escrita, que, nesse caso, representa a possibilidade da linguagem de uma forma geral.

Sendo assim, o objetivo de Offred ao contar sua história é, provavelmente, o de manter sua subjetividade, se fixar como um ser que já esteve vivo na história, e reivindicar seu direito à linguagem mais uma vez. Entretanto, assim como apontado por Hogsette:

[...] Pieixoto reescreve o texto dela, dessa forma a prendendo dentro de sua autoridade textual, seu senso de história, e sua visão de como a vida dela deve ser montada e apresentada. Um homem a garante a chance de falar e ordena a forma na qual as palavras dela serão recebidas. Offred se torna Ofjames. (HOGSETTE, 1997, p. 272, tradução minha)⁸

Desta forma, a esperança levantada pela revelação da fuga de Offred e por ela ter conseguido contar sua história, é automaticamente quebrada pelo reconhecimento do patriarcado instaurado nas falas de Pieixoto.

Posto isso, podemos concluir que o epílogo Notas Históricas Sobre O Conto da Aia cumpre duas funções. A primeira é a de apontar o comportamento sexista comum no mundo acadêmico. Mesmo sabendo que, no Brasil, mais da metade dos alunos em universidades são mulheres (no ano de 2016, de 5.9 mil matrículas feitas na Universidade de Brasília, 3.3 mil eram de mulheres), casos de assédio tanto a alunas quanto a professoras são comuns. Além do fato de que, constantemente, a palavra da mulher é desconsiderada em favor da palavra de um homem. Já a segunda é de exigir que o leitor faça uma nova leitura crítica da obra, analisando não apenas a história pelo viés de uma reconstrução feita por um historiador acadêmico extremamente sexista, mas também sua própria posição como leitor-receptor da narrativa.

⁸ No original: [...] Pieixoto reinscribes her text, thus trapping her within his textual authority, his sense of history, and his vision of how her life should be pieced together and presented. A man grants her the chance to speak and orders the way in which her words will be received. Offred becomes Ofjames.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A popularidade obtida por *O Conto da Aia* não é em vão. Com uma narrativa cativante, a obra, em suas duas partes, cumpre eficientemente todas as tarefas às quais se propõe. Escrita em um século anterior, mas completamente coerente com a cultura atual, a obra mostra quão profunda está enfiada a raiz do patriarcado. Como dito por VALENTI (2017), “o que torna *O Conto da Aia* tão assustador não é o fato de ele ser oportuno, mas de ser atemporal”⁹.

Sendo assim, o conceito chave para que entendamos a preservação de tal mentalidade pode ser o de “backlash”. *Backlash* é uma expressão da língua inglesa desenvolvida por Susan Faludi (1992) que, nesse contexto, faz relação à reação anti-feminista da sociedade. Como também citado por Rüsche (2015), Faludi disserta:

Nos anos 80, o *backlash* andou pelos subterrâneos secretos da cultura, circulando pelos corredores da bajulação e do medo. Ao longo do caminho usou vários disfarces: desde a máscara de uma condescendente ironia até a expressão sofrida da “profunda preocupação”. Os seus lábios demonstram piedade por qualquer mulher que não se enquadre na moldura, enquanto procura prendê-la na moldura. Professa uma estratégia de cizânia: solteiras contra casadas, mulheres que trabalham fora contra donas-de-casa, classe média contra operárias. Manipula um sistema de punição e recompensa, enaltecendo as mulheres que seguem as suas regras, isolando as que desobedecem. O *backlash* revende velhos mitos sobre as mulheres fazendo-os passar por fatos novos, ignorando qualquer apelo à razão. Acuado, nega a sua própria existência, levanta um dedo ameaçador contra o feminismo e procura desaparecer nos subterrâneos (FALUDI, 1992, p. 21).

Esse conceito define perfeitamente a situação imposta na narrativa. Como mencionado anteriormente, um dos principais motivos de o sistema patriarcal prevalecer, é o fato de as mulheres não estarem, como um todo, unidas contra ele.

Nesse ponto, *O Conto da Aia* se apresenta como uma lição sobre sororidade e sobre os perigos de sua ausência. Nas palavras de Bastián (2017):

É fácil repousar a culpa dos horrores de Gilead apenas nos pés de homens como o Comandante Fred [...]. Mas nenhum sistema tão profundamente

⁹ Tradução minha. No original: [...] *what makes The Handmaid's Tale so terrifying is not that it's timely, but that it's timeless.*

firmado e altamente funcional poderia sobreviver sem ajuda. Fred e outros Comandantes precisam que as mulheres internalizem suas doutrinas para que elas policiem umas as outras. As próprias pessoas sofrendo pelos sistemas opressivos se tornam as mais valiosas ferramentas de execução para aqueles no poder. O Conto da Aia está em sua maior potência quando interroga as maneiras como as mulheres participam em sistemas que as exploram, segurando qualquer poder que seja essencialmente transitório. (BASTIÉN, 2017, tradução minha)¹⁰

O objetivo desse trabalho é, então, de reforçar a reflexão sobre até que ponto estamos perpetuando uma cultura que prega a subalternidade da mulher, e apontar que a impossibilidade de se imaginar um futuro diferente não representa apenas uma característica do gênero distópico, mas também a resignação da nossa sociedade diante da cultura patriarcal.

¹⁰ No original: *It's easy to rest the blame of the horrors of Gilead solely at the feet of men like Commander Fred Waterford (Joseph Fiennes). But no system this deeply entrenched and high functioning could survive without help. Fred and other Commanders need women to internalize their doctrine so they police themselves. The very people suffering from oppressive systems become the most valuable tools of enforcement by those in power. The Handmaid's Tale is at its most potent when it interrogates the ways women participate in systems that exploit them, holding onto power that is ultimately transitory.*

BIBLIOGRAFIA

ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

ATWOOD, Margaret. **In Other Worlds: SF and the Human Imagination**. Ed. First Paperback Edition. Estados Unidos: Anchor, 2012.

BASTIÉN, Angelica Jade. **Why the Female Villains on *The Handmaid's Tale* Are So Terrifying**. 2017. Encontrado em: <http://www.vulture.com/2017/05/the-handmaids-tale-aunt-lydia-serena-joy-female-villains.html> Acessado em: 05 de dezembro de 2017.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: a experiência vivida, volume 2**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPELLO, Eliane. **A visão distópica de Atwood na literatura e no cinema**. Interfaces Brasil / Canadá, Belo Horizonte, V. 1, N. 3, 2003

COUTINHO, Andreia. **Ficção Científica: Narrativa do Mundo Contemporâneo**. Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília. Volume 1 – Número 1 – Ano I – fev/2008.

FALUDI, Susan. **Backlash: the undeclared war against American women**. Nova Iorque: Anchor Books, 1992.

GRACE, Dominick M. **The Handmaid's Tale: "Historical Notes" and Documentary Subversion**. Science Fiction Studies, Vol. 25, No. 3, Nov., 1998, p. 481-494.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. **Teoria crítica e literatura: A distopia como ferramenta de análise radical da modernidade**. Anu. Lit., Florianópolis, v.18, n. 2, p. 201-215, 2013.

HOGSETTE, David S. **Margaret Atwood's Rhetorical Epilogue in *The Handmaid's Tale*: The Reader's Role in Empowering Offred's Speech Act**. New York Institute of Technology. Summer 1997, vol. 38, No. 4

PONE, Pedro Felipe Martins. **O MOMENTO HISTÓRICO DAS DISTOPIAS: (UMA LEITURA DE THE HANDMAID'S TALE, DE MARGARET ATWOOD, E NEVER LET ME GO, DE KAZUO ISHIGURO, ATRAVÉS DO CONCEITO DE FORÇAS PRODUTIVAS)**. RevLet – Revista Virtual de Letras, v. 06, nº 02, ago./dez, 2014

RÜSCHE, Ana. **Utopia, feminismo e resignação em *The Left Hand of Darkness* e *The Handmaid's Tale***. 131 f. Tese (doutorado) - Departamento de Letras Modernas

da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

SILVA, Alexander Meireles da. **O Fantástico Como Estratégia Literária Pós-Moderna em *A História da Aia*, de Margaret Atwood**. LINGUAGEM – Estudos e Pesquisas, Catalão, vol. 14, n. 01, p. 15-35, Goiânia, 2010.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Traduzido por Christine Rufino Dabat e Martia Betânia Ávila. No original: Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. Columbia University Press. New York, 1989.

VALENTI, Jessica. **The Handmaid's Tale is timely. But that's not why it's so terrifying.** 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2017/apr/27/handmaids-tale-timely-terrifying-hulu-series-margaret-atwood>. Acesso em: 25 de novembro de 2017.

VERDÉLIO, Andreia. **Mulheres trabalham 7,5 horas a mais que homens devido à dupla jornada.** Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-03/mulheres-trabalham-75-horas-mais-que-homens-devido-dupla-jornada>. Acesso em: 15 de novembro de 2017.